

## CRÔNICA

Paulo Pestana • papestana@uol.com.br



# O escritor é um sádico

**T**odo mundo que mexe com palavras já pensou em escrever um romance. Mas nada é mais desanimador para um candidato a escritor do que ir a uma biblioteca ou livraria. Ao olhar em volta, o sujeito se vê cercado de histórias encadernadas; o que ainda falta para ser escrito? Qual a história ainda não foi contada?

Depois do teatro de Shakespeare, restou pouco para ser escrito sobre a condição humana, mas ainda assim, de lá para cá muitas histórias foram contadas, encantaram leitores, viraram filmes, influenciaram pessoas. Portanto, histórias não se encerram no 'fim' da última página; há sempre algo para vir em seguida. Só que, cá para nós, essa história também já foi contada. No mito de Sherazade, por exemplo.

Mas quem trabalha com palavras é incorrigível; acredita em deuses, procura respostas, namora o improvável, recusa o inexecutável. E foi assim que meu amigo começou o projeto de escrever o grande romance da história do Brasil. Traçou o plano literário do jeito que tinha aprendido num desses livros que ensinam a fazer romance, com uma intrincada sucessão de resumos de capítulos que mais parecia aqueles painéis de investigação policial do que cinema.

A ideia dele era partir de núcleos familiares em cidades mais antigas e, a partir dos personagens principais, montar pequenos dramas em torno de grandes acontecimentos históricos, até que as famílias fossem se desmembrando por meio de migrações que fizessem um resumo da ocupação do país, como a busca por esmeraldas, o êxodo cearense para o Acre na época da borracha, a Brasília prometida dos candangos, a chegada dos europeus.

Isso tudo ele me contou no espaço de uns três cafézinhos, tão empolgado com a novela, que eu nem tive coragem de dizer que já tinha lido algo bem parecido. Duas semanas nos encontramos novamente e ele disse que havia dado um tempo na ideia. Falta amadurecer, me disse ele.

E me lembrei de mim mesmo que cismeiei de começar a escrever um livro quando estivesse ardendo

de febre; achava — como todo jovem acha — que há verdades que só vão aparecer do delírio. Foram meses de espera de uma febre que não vinha; demorou, foi um período em que nem um mísero e vulgar resfriado esteve disponível para meu talento literário.

Quando ela finalmente veio, atacou com a força das febres. E eu fiquei prostrado

sem sequer lembrar que pretendia escrever o meu delirante romance, que nunca ganhou uma mísera palavra. Foi quando descobri que o delírio estava mesmo em achar que alguém produz algo bom estando fora de si. Huxley e Castañeda já tinham mostrado isso, mas só a realidade dá a verdadeira dimensão da mediocridade.

Gosto de ver a empolgação de escritores quando mostram seus escritos publicados em livros vistosos, mas não entendo bem a excitação. Talvez porque falte em mim a principal condição para ser um escritor de romances: o sadismo. Não consigo ter prazer em ver alguém sofrer como sofrem os personagens literários. E ninguém quer ler histórias felizes.

